

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

Luciana Talita Mágulas Pereira Rocha¹
Raimunda Celestina Mendes da Silva²

RESUMO

O presente artigo analisará a obra de Renato Castelo Branco, *Teodoro Bicanca* (2016), sob a ótica da mitologia e a jornada do herói. A obra narra a história do jovem protagonista que atravessa muitos obstáculos e dificuldades no decorrer da sua jornada até a vida adulta. Durante os últimos anos, os estudos e crítica feita à obra deteve-se no processo de reescrita de Castelo Branco, a luz da crítica genética, visto que o autor reescreveu o romance, tornando-o mais histórico do que regional. A obra também foi estudada na perspectiva do sertão e identidades sertanejas/nordestinas dentro da narrativa. Além de ter sido analisada sob o aspecto das feminilidades sertanejas e as representações do regionalismo no norte do Piauí. O enfoque central deste estudo incide sobre a personagem protagonista de Renato Castelo Branco, Teodoro Bicanca. O estudo se propôs a investigar e analisar as características da jornada do herói na personagem Teodoro Bicanca. Para tanto, a partir da compreensão e descrição do mito do herói, que discorre as etapas de sua jornada, será apresentada a narrativa da personagem protagonista do romance em estudo, para que seja analisado como ele, em sua jornada, perpassa pelas etapas e cumpre a sua jornada como herói. O principal referencial teórico é oferecido por meio das considerações feitas por Campbell (2007), com a *Jornada do Herói*. A pesquisa também contou com o aporte teórico da obra *O Poder do Mito*, também do teórico Campbell (1990) e *A jornada do escritor*, de Vogler (2006).

Palavras-chave: Jornada do herói. Bicanca. Mito.

ABSTRACT

This article will analyze the work of Renato Castelo Branco, *Teodoro Bicanca* (2016), from the mythology perspective and the hero's journey. The work tells the story of the young protagonist who goes through many obstacles and difficulties during his journey to adulthood. During recent years, studies and criticism of the work focused on Castelo Branco's process of rewriting, in the light of genetic criticism, as the author rewrote the novel, making it more historical than regional. The work was also studied from the backlands' perspective and country/northeastern identities within the narrative. In addition to being analyzed from the perspective of country femininities and the representations of regionalism in the north of Piauí. The central focus of this study is on Renato Castelo Branco's protagonist, Teodoro Bicanca. The study set out to investigate and analyze the characteristics of the hero's journey in the character Teodoro Bicanca. To this end, based on the understanding and description of the myth of the hero, which discusses his journey's stages, the narrative of the protagonist character of the novel under study will be presented, so that it can be analyzed how he, on his journey, goes through the stages and fulfills his journey as a hero. The main theoretical framework is offered through the considerations made by Campbell (2007), with *The Hero's Journey*. The research also included theoretical support from the work *The Power of Myth*, also by theorist Campbell (1990) and *The Writer's Journey*, by Vogler (2006).

Keywords: Hero's Journey. Bicanca. Myth.

¹ Pós-graduanda do PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras – da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

² Doutora em Teoria da Literatura – PUCRS, professora do PPGL UESPI e da graduação em Letras. E-mail: raimundacelestina@cchl.uespi.br.

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

RESUMEN

Este artículo analizará la obra de Renato Castelo Branco, Teodoro Bicanca (2016), desde la perspectiva de la mitología y el viaje del héroe. La obra cuenta la historia del joven protagonista que atraviesa muchos obstáculos y dificultades durante su viaje hacia la edad adulta. Durante los últimos años, los estudios y críticas a la obra se centraron en el proceso de reescritura de Castelo Branco, a la luz de la crítica genética, a medida que el autor reescribía la novela, haciéndola más histórica que regional. El trabajo también fue estudiado desde la perspectiva de las tierras del interior y las identidades del país/noreste dentro de la narrativa. Además de ser analizado desde la perspectiva de las feminidades del país y las representaciones del regionalismo en el norte de Piauí. El foco central de este estudio está en el protagonista de Renato Castelo Branco, Teodoro Bicanca. El estudio se propuso investigar y analizar las características del viaje del héroe en el personaje Teodoro Bicanca. Para ello, a partir de la comprensión y descripción del mito del héroe, en el que se analizan las etapas de su recorrido, se presentará la narrativa del personaje protagonista de la novela en estudio, de manera que se pueda analizar cómo él, a partir de su viaje, recorre las etapas y cumple su recorrido como héroe. El marco teórico principal se ofrece a través de las consideraciones realizadas por Campbell (2007), con El viaje del héroe. La investigación también contó con apoyo teórico de la obra *The Power of Myth*, también del teórico Campbell (1990) y *The Writer's Journey*, de Vogler (2006).

Palabras clave: El viaje del héroe. Bicanca. Mito.

Considerações iniciais

Ao estudar literatura, observa-se que em vários momentos cruzam-se fronteiras com outras áreas de estudo, dentre elas, a psicanálise e mitologia. Por ter a prática psicanalítica uma acentuada inclinação pelos usos e manifestações da linguagem tanto no seu sentido imaginário quanto no simbólico, a psicanálise colabora significativamente na análise de textos literários. Uma vez que a literatura é uma das formas de expressão subjetiva do sujeito no mundo onde está inserido.

Logo, a partir das intersecções entre psicanálise, mitologia e as manifestações literárias pode-se ampliar a reflexão do estudo e análise de obras. Estabelecendo assim um diálogo entre literatura e psicanálise de modo que esta enriqueça a leitura daquela, sem que haja o apagamento das nuances e representações do texto literário.

Durante os últimos anos, os estudos e crítica feita à obra deteve-se no processo de reescrita de Castelo Branco, a luz da crítica genética, visto que o autor reescreveu o romance, tornando-o mais histórico do que regional. A obra também foi estudada na perspectiva do sertão e identidades sertanejas/nordestinas dentro da narrativa. Além de ter sido analisada sob o aspecto das feminilidades sertanejas e as representações do regionalismo no norte do Piauí. O *Humana Res*, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 151 – 166, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

presente trabalho analisará a obra de Renato Castelo Branco, *Teodoro Bicanca*, sob a ótica da mitologia.

A narrativa conta a história do jovem protagonista que atravessa muitos obstáculos e dificuldades no decorrer da sua jornada até a vida adulta. Nesta pesquisa, a proposta é desenvolver um estudo e analisar as características da jornada do herói na personagem Teodoro Bicanca.

O principal referencial teórico é oferecido por meio das considerações feitas por Campbell (2007), com a *Jornada do Herói*. A pesquisa também contou com o aporte teórico da obra *O Poder do Mito*, também do teórico Campbell (1990) e *A jornada do escritor*, de Vogler (2006).

A partir da compreensão do mito do herói, que discorre as etapas de sua jornada, será apresentada a narrativa da personagem protagonista do romance em estudo, para que seja analisado como ele, em sua jornada, perpassa pelas etapas e cumpre a sua jornada como herói.

1 O mito do herói

Ao longo das eras os homens usaram mitos, contos de fadas e o folclore para explicar os mistérios da existência e torná-los suportáveis. O mito é uma narrativa simbólica que tenta explicar a origem de tudo o que existe, desempenha um papel de princípio de vida, com lições sobre como viver. Essas histórias cheias de simbolismo têm grande importância para determinados povos, já que compõem a sua cultura. Segundo Campbell (2007), em sua obra *O herói de mil faces*:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos (CAMPBELL, 2007, p. 15).

Partindo dos estudos de Campbell (2007), observa-se que o mito penetra em todas as manifestações culturais humanas, reverberando nas artes, nas filosofias, nas religiões, em nossa forma de ver e pensar o mundo.

A mitologia tem uma relação direta com as etapas da vida, que muitas vezes são demarcadas por rituais de iniciação, como a transição da infância para a fase adulta através das responsabilidades, do trabalho e superações. As tradições como comemorações e cerimônias

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

estão presentes em todas as eras, são manifestações que operam na formação do sujeito. O mito se enraíza em nossa maneira de ser e estar no mundo, nos conectando aos outros seres humanos.

Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular (CAMPBELL, 1990, p.24).

154

De acordo com o teórico, o mito nos revela uma significação do mundo e da existência humana, não pode ser considerado com uma lenda, ou associado àquilo que não é verdade. São narrativas que expressam a realidade de eventos grandiosos, carregados de significado e imbricados na cultura de diversos povos. “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar” (CAMPBELL, 2007, p. 21).

As criações de narrativas são regidas por arquétipos que circundam a nossa cultura e nosso imaginário. Percebe-se que, para além do indivíduo, do sujeito pessoal, há uma base comum e coletiva, que perpassa a humanidade, que diz respeito a experiência universal do homem. De acordo com Silveira (1997, p. 69):

A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, permite compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral - seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos.

Ainda sobre o conceito de arquétipo, Edward C. Whitmont, psicoterapeuta junguiano, explica:

As imagens produzidas pela psique podem ser altamente pessoais, mas o drama em nosso palco interior costuma ser uma encenação do drama humano geral. Os artistas e os sábios sempre souberam disso. Nossos problemas particulares - nascimento, morte, relacionamentos, conflitos e a busca de significado - são problemas humanos. Quem estiver passando por um deles tem chance de perceber que essa experiência é uma versão de imagens grandiosas que simbolizam o modo como a humanidade sempre vivenciou esse problema. Jung chamou de *arquétipos* essas imagens atemporais. São dinamismos que fornecem padrões de comportamento, de emoção e de experiências pessoais que transcendem a história pessoal (WHITMONT, 1991, p. 47).

O mito do herói, teorizado por Joseph Campbell (2007), apresenta uma forma de estruturação das narrativas incutidas no imaginário humano através de histórias sagradas e míticas. O herói é considerado uma das mais marcantes figuras do imaginário coletivo, representando na dimensão social as virtudes e ideais da sociedade e, no plano individual, um padrão a ser seguido que cinde o indivíduo da coletividade.

A jornada arquetípica do herói busca a transformação individual em benefício de um bem maior e coletivo. O núcleo da jornada universal do herói é representado em três fases: partida – iniciação – retorno. Para Campbell (2007), todo herói passa por uma jornada que é estruturada em diversas etapas, cada uma delas são obstáculos que esse indivíduo precisa enfrentar para que adquira um profundo conhecimento sobre si e sobre o mundo em que vive. Dessa forma, ele alcança maturidade psíquica e constrói sua identidade, descobre sua força e também suas fraquezas.

Uma criança é compelida a desistir da sua infância e a se tornar um adulto - para morrer, dir-se-ia, para sua personalidade e psique infantis e retornar como adulto responsável. E essa é uma transformação psicológica fundamental, pela qual todo indivíduo deve passar (CAMPBELL, 1990, p. 131).

A jornada mitológica do herói clarifica que os mitos, mesmo que de diferentes culturas, períodos de tempo e regiões do mundo, seguem uma estrutura narrativa geral, que compõe uma jornada cíclica para o desenvolvimento de um indivíduo. Todas as culturas têm os seus heróis, aqueles que estão dispostos a sacrificar as suas vontades e necessidades em prol de um bem maior. Vale assinalar que, na sociedade moderna esse herói pode falhar, perder batalhas e ter capacidades limitadas. Visto que, o herói moderno é reflexo do sujeito moderno.

O herói do monomito é um personagem com dons incríveis, frequentemente é honrado pela sociedade que ele faz parte, mas também é motivo de desdém para muitos, e na maioria das vezes não é reconhecido por seus feitos. Está diretamente ligado às lutas, já que é um personagem associado à defesa, pronto para lidar com sofrimentos, lutas e a morte, já que é através dela que se tornará o protetor de todos.

O herói é aquele que deu sua vida física em troca de alguma espécie de realização dessa verdade. A ideia de amar seu próximo é pôr você em sintonia com esse fato. Mas, quer ame ou não o seu próximo, quando a realização o pega, você pode arriscar a própria vida (CAMPBELL, 1990, p.118).

É muito comum observar que os protagonistas de romances são heróis ou heroínas que realizaram algo incomum, Campbell (1990) diz que existem dois tipos de proezas que o herói pode realizar, uma delas é a física, através de um ato de coragem, normalmente uma batalha ou

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

quando o herói salva alguém. A outra, é a espiritual, quando o herói desenvolve um nível superior de espiritualidade e retorna.

A jornada do herói arquetípico tem como principal fundamento a busca pela transformação individual, restabelecimento da ordem e equilíbrio do indivíduo e da sociedade na qual a história está inserida.

2 Teodoro Bicanca, de Renato Castelo Branco

O romance histórico *Teodoro Bicanca*, de Renato Castelo Branco (1948), narra o drama de um garoto, Teodoro, que desde muito pequeno teve que atravessar grandes obstáculos e desabores na sua jornada até a vida adulta. Ambientado no nordeste, principalmente, no estado do Piauí, o romance relata minuciosamente a vida dos piauienses num período específico e num espaço geográfico – vale do rio Parnaíba.

A obra descreve elementos da vida social rural e urbana, bem como a hierarquização social, o coronelismo sádico, a miséria da população ribeirinha e dos trabalhadores (agregados) das grandes fazendas. Esses aspectos narrados na obra, fazem dela além de ficção, um registro documental de um tempo e uma sociedade.

No início da narrativa, por meio do mergulho na memória do protagonista, é relatado os primeiros dramas vividos por Teodoro e sua família ao travarem uma viagem do Ceará para o Piauí fungindo da seca. Durante a peregrinação, muitos retirantes morrem, inclusive, a mãe e os irmãos de Teodoro. Seu pai, Damião, pede abrigo na fazenda Areia Branca, do coronel Damasceno. As condições da viagem e também do abrigo encontrado no Piauí não foram favoráveis à família. Observa-se o que descreveu Ciarlini (2021):

Muitas vezes castigado por intempéries e adversidades, esse sujeito se submete ao regime exploratório de sua força de trabalho e, como agregado de terras alheias sob a condução do coronelismo, torna-se paciente às mais vexatórias situações de humilhação moral e ao desfalecimento físico. Mais ainda, assiste, com penúria, as suas crenças e preceitos massacrados pelo senhor proprietário de latifúndio, acumulador de terras improdutivas, que se impõe a todos os submissos a sua “proteção”. Eis aqui, em poucas palavras, o que captara Renato Castelo Branco ao representar, tanto em ensaio (**A civilização do couro**) como em romance (**Teodoro Bicanca**), os caracteres definidores do regionalismo literário do norte piauiense.

É nesse cenário que o enredo é desenvolvido e a vida de Teodoro Bicanca desvelada desde a infância até sua idade adulta. Revelando assim, não apenas a vida de uma personagem, mas também as características predominantes na sociedade piauiense da vigente época.

3 A jornada do herói em Teodoro Bicanca

De acordo com Joseph Campbell, em *O herói de mil faces* (2007), todo herói tem uma jornada que permite a semelhança entre sua cultura e o mito. Essa jornada é estabelecida pelo teórico em etapas, que são momentos que o herói atravessa para que possa adquirir conhecimento e crescimento.

3.1 O chamado da aventura

Nessa primeira etapa, o indivíduo começa a se relacionar com o que ele não compreende plenamente. Essa fase marca o que pode ser nomeado como “o despertado eu”, o herói está vivendo em seu mundo ideal, quando um evento inusitado ocorre e acaba com a normalidade. De acordo com Vogler (2006, p.108), “o Chamado à Aventura pode vir sob a forma de uma mensagem ou um mensageiro. Pode ser um acontecimento novo, como uma declaração de guerra [...]”. Vale enfatizar que, o chamado da aventura nem sempre é positivo, pode ser carregado de tragédias e desgraças.

Na jornada da personagem Teodoro Bicanca, podemos identificar esse momento quando, por motivos de grande estiagem na região onde morava com sua família, é levado a travar uma viagem atrás de algum lugar onde consiga sobreviver. Ainda criança, ele e sua família partem de sua terra (Ceará) para um local desconhecido (Piauí), sem ter a certeza se encontrariam alento. Como constata-se no trecho:

A palhoça de Damião ficava no alto de uma pequena colina, de onde Teodoro contemplava o vale, lá embaixo, o riozinho correndo com as águas claras e limpas. [...] Naquele tempo o riozinho era o brinquedo de Teodoro, que ele vadeava com água nos joelhos, soltando barquinhos de papel, canoas de *tambori*. Ali brincava com os irmãos – o Serafim, mais velho que ele, e a Raimunda, a mana menor, tão pequenina que a água lhe batia no umbigo. [...] Quando chegava o tempo de estio, Damião aproveitava para ir apanhar cera nos carnaubais do Piauí. Aí as brincadeiras aumentavam [...] ficavam inteiramente à solta, para brincar nos campos, brincar no rio, nos grotões recamado de flores, nas imburanas de frondes enfolhadas [...] Voltavam felizes, trazendo dinheiro, trazendo presentes. E era uma festa. Compravam sementes, mantimentos, e aproveitavam as chuvas para plantar os roçados [...] A vida corria feliz. O sertão era bonito (CASTELO BRANCO, 2016, p. 18).

Em seguida, vemos a transição entre mundos: o mundo comum (em que a personagem estava acostumada e feliz) e o novo mundo de incertezas e perigos. Como relata o texto:

O nordeste rugia, sibilante, levantando colunas de pó. O sol causticava, secando o suor da longa caminhada. A sede apertava a garganta. A fome

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

apertava o estômago. E os retirantes iam ficando pela beira da estrada, rotos e famintos, morrendo no caminho [...] Raimunda morrera na estrada. Morrera depois sua mãe. Morrera Serafim. Morrera o jumentinho (CASTELO BRANCO, 2016, p. 20).

De acordo com Vogler (2006, p.113), em diversas narrativas há mais de um chamado à aventura. Observa-se então, que Teodoro é surpreendido por dois chamados. O primeiro, na infância, quando juntamente com sua família partem para o Piauí. E o segundo, já instalado na fazenda Areia Branca, é surpreendido e coagido a fazer outra viagem, rumo ao desconhecido, para poupar sua vida.

158

3.2 A recusa do chamado

Nessa etapa, o herói hesita o chamado para a aventura. De acordo com o teórico, “a recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela cultura, o sujeito perde o poder da ação afirmativa” (CAMPBELL, 2007, p. 66).

Esse momento marca o início do desafio da jornada, que a princípio o herói resiste, já que tudo é uma grande incógnita. De acordo com Vogler (2006, p.115):

O problema do herói, agora, passa a ser como ele irá responder ao Chamado. Ponha-se na situação dele e verá que é um momento difícil. Estão lhe pedindo que responda "sim" a uma grande incógnita, a uma aventura que vai ser emocionante, mas também perigosa, e que pode ameaçar sua vida. De outra forma, não seria uma aventura de verdade. Você está diante de um limiar de medo, e uma reação compreensível é hesitar, ou mesmo recusar o Chamado.

Para Teodoro aquela aventura seria perigosa e cheia de riscos, e mais uma vez acarretaria grandes perdas. Na primeira perdeu sua família sanguínea. E, dessa vez, no segundo chamado, perderia Siá Ana, sua conselheira e guardiã, e Piedade, seu grande amor. Nesse sentido, assinala Vogler (2006, p. 116):

A pausa para medir as consequências faz com que o engajamento na aventura seja uma verdadeira escolha, na qual o herói, após este período de hesitação ou recusa, dispõe-se a jogar a vida contra a possibilidade de atingir sua meta. Também obriga o herói a examinar a busca com cuidado e, talvez, a redefinir seus objetivos. É natural que, de início, a reação dos heróis seja a de tentar evitar a aventura.

Devido às ameaças de Malaquias, Siá Ana decidiu enviar Teodoro para outra cidade, como forma de salvar-lhe a vida. O garoto, que nunca esqueceu a dor de deixar para trás sua terra e parentela, hesita ao ter que repetir a jornada de partida do conhecido para o desconhecido.

“Teodoro saiu com os olhos cheios d’água, com saudade de Siá Ana, com saudade de Piedade, com saudade de Damião. E ganhou a estrada, montado

no jumentinho, pensando nas histórias de Siá Ana [...] Havia já muitos anos. Ele saía assim, num jumentinho, da casa de Damião no sertão do Ceará. Então vinha fugindo da seca [...] O jumento caminhava passo a passo, subindo a estrada. Para trás ficou a casa da Siá Ana, ficou a palhoça de Damião, ficou a casa de Malaquias, ficou o coração de Teodoro. Em frente estava a estrada longa e escura e, lá adiante, muito longe, estava a cidade, estava Parnaíba. Como seria Parnaíba? (CASTELO BRANCO, 2016, p. 71)

3.3 O auxílio sobrenatural

Nessa terceira etapa, temos o momento em que um mentor, que pode ser um homem, uma mulher idosa e sábia, ou mesmo um animal, fornece ao herói os amuletos necessários para que ele siga a sua jornada. Conforme Campbell, “essa figura representa o poder benigno e protetor do destino” (CAMPBELL, 2007, p. 76), e o herói precisa apenas confiar, para que seus guardiões surjam, já que aceitou o chamado e enfrentará as consequências.

Ainda sobre a imagem do mentor, Vogler (2006, p. 116) afirma que:

Mesmo se não houver um personagem concreto a desempenhar as muitas funções do arquétipo do Mentor, os heróis quase sempre entram em contato com alguma fonte de sabedoria antes de se lançarem numa aventura. Pode ser a experiência dos que já partiram numa busca antes deles, ou pode ser que olhem dentro de si mesmos, em busca da sabedoria pela qual já pagaram caro, em aventuras anteriores. De qualquer modo, eles são espertos e consultam o mapa da aventura, procurando registros, cartas e diários de bordo do território. É prudente que um viajante pare e confira o itinerário antes de partir pela Estrada dos Heróis, tantas vezes perigosa e confusa.

No romance em estudo, a figura do mentor se apresenta primeiramente em Siá Ana, que acolheu Teodoro quando chegou à Areia Branca e também o preparou para sua segunda aventura e partida. Ela era tão poderosa quanto o coronel. “Suas curas milagrosas eram contadas às centenas e não havia doença para a qual não tivesse um remédio” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 32). Era sábia e aconselhava todos que recorriam à ela em desespero, era respeitada por todos e misteriosa, ninguém sabia sobre seu passado nem sua idade.

Em seguida, durante sua viagem para Parnaíba, é apresentada outra personagem que também desempenhará essa função. Pé de Puba apresenta a cidade, oferece abrigo e o ensina uma forma de sobreviver ali. A função do mentor é preparar o herói para enfrentar as provações desconhecidas durante a jornada e fornecer a orientação e sabedoria necessárias para ajudar o herói a sobreviver. Logo, assim como Siá ana, Pé de Puba também foi seu mentor.

3.4 A passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

Nesse estágio da jornada, ocorre o momento em que o herói se envolve inteiramente com a aventura, pois alguma força dominante alterou o curso da história. Segundo o teórico, “o herói segue em sua aventura até chegar ao guardião do limiar, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói” (CAMPBELL, 2007, p. 82).

Teodoro sentia muita saudade de quem deixou para trás, Siá Ana e Piedade. Mas tinha a certeza que um dia tornaria-se homem feito e voltaria à Areia Branca para levar consigo Siá Ana e sua amada Piedade. Estava certo que enfrentaria qualquer perigo para conquistar esse feito.

Quando chegou à Parnaíba, uma cidade desconhecida e diferente de todos os lugares que já tinha vivido, esforçou-se para aprender com Pé de Puba o trabalho de vendedor de água para conseguir dinheiro e sobreviver. “E não sentia mais aquela angústia dos primeiros tempos, quando parava seu jumento nas portas dos palacetes e gritava lá para dentro, com seu pregão peculiar, que os fregueses não conheciam: - comprá água?” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 75). Para Vogler (2006, p. 134), “o truque é perceber que o que parece um obstáculo pode ser, no fundo, a maneira de atravessar o Limiar. Esses aparentes inimigos podem ser transformados em aliados valiosos.”

A passagem pelo primeiro limiar conduz o herói a uma morte simbólica, um renascimento. A metáfora do ventre da baleia representa o mundo desconhecido em que o herói se encontra, “esse motivo popular enfatiza a lição de que a passagem do limiar constitui uma forma de auto aniquilação [...] o herói vai para dentro, para nascer de novo” (CAMPBELL, 2007, p. 92).

A entrada no ventre da baleia consiste em um momento muito significativo, visto que o herói entra e sai dela, apesar da impressão de morte, ele passa por um renascimento. “O herói vai para dentro, para nascer de novo” (CAMPBELL, 2007, p. 92), como se o ventre da baleia correspondesse a um templo, em que ele será revivificado. Teodoro Bicanca passa pelo ventre da baleia, esse lugar desconhecido, que lhe dá a sensação de morte, mas consegue sair de lá, renascido. Enfrenta com bravura os desafios da cidade urbana e renasce com novas aspirações, ele “estava animado. Tinha um jumento, podia vender água para ganhar a vida” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 74).

As etapas descritas até aqui compreendem a primeira fase do monomito “A partida”, como subdividido por Campbell (2007). Agora, seguiremos com as demais etapas, compreendidas na fase seguinte, nomeada de “A iniciação”.

3.5 O caminho de provas

Nessa etapa, o herói ainda está conhecendo o novo mundo, observando o contraste entre o mundo comum e esse novo mundo. Em geral, esse mundo é dominado por um vilão, que elabora armadilhas e representa um perigo para o herói. No romance, a hierarquização social e a sociedade parnaibana atua como algozes de Teodoro.

Segundo Campbell, “tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas” (CAMPBELL, 2007, p. 102). O herói vai descobrindo continuamente esse novo lugar que lhe lança para diversas provações, que são desafios que o prepararão para enfrentar o desafio final.

Teodoro se depara com uma vida solitária, apesar de ter ao redor Pé de Puba e sua família que lhe dão suporte na nova cidade e Abedias que se torna um grande amigo. Um novo desafio é lançado para o jovem, são obstáculos que vão oferecendo a ele maturidade, conhecimento e preparação para o que virá.

3.6 O encontro com a deusa e a mulher como tentação

Nesse estágio, temos a figura da mulher, é descrita por Campbell (2007), como a recompensa do herói por concluir suas tarefas. Para o teórico:

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender (CAMPBELL, 2007, p. 117).

A figura da deusa é representada por todas as mulheres que guiam o herói para a aventura sensual, seria como uma benção do amor concedida ao herói, vista como guia da aventura sexual.

Na jornada de Teodoro, a figura feminina que aparece e a única que desperta seu interesse é Piedade. Ainda que afastado fisicamente de sua amada, a imagem dela e seu desejo de reencontrá-la lhe dar forças para prosseguir, era ela quem ocupava seus pensamentos. “Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem” (CAMPBELL, 2007, p. 118). Um amor que aflorou na infância e perdurou até o fim da narrativa, como observa-se no trecho:

Um dia, quando estava com Teodoro no mato, escorregou num buraco e procurou se apoiar nele. Seus pequenos seios, que despontavam, se esfregaram no companheiro, e uma moleza doce tomou conta de seu corpo. Teodoro

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

também sentiu aquela coisa esquisita, uma onda de ternura invadindo seu coração. Teve vontade de agarra-la, prendê-la nos braços e cobri-la de beijos, e ficar assim a vida inteira. Ele estava pensando se deveria fazê-lo, os olhos dele nos olhos dela, os olhos dela nos olhos dele (CASTELO BRANCO, 2016, p. 67).

Na etapa “a mulher como tentação” se relaciona bastante com a anterior. “O casamento místico com a rainha-deusa do mundo representa o domínio total da vida por parte do herói, seu conhecedor e mestre” (CAMPBELL, 2007, p.121). Mesmo atravessando diversos desafios e obstáculos, nada protegerá o herói da presença feminina. Piedade está sempre presente em suas lembranças e serve de combustível para continuar sua jornada.

162

3.7 A sintonia com o pai

Na aventura, o herói confronta um personagem que tem muito poder em sua vida, em algumas narrativas é o pai, que comumente é revelado como um pai hostil, que vai de encontro a imagem da mãe protetora. Em muitos ritos de passagem de meninos isso fica mais evidente, já que nesse processo de transformação o menino é retirado da proteção de sua mãe e levado por homens, para passar para essa nova fase. Porém, “o herói deve derivar esperança e garantia da figura masculina do auxiliar, por intermédio de cuja magia ele é protegido ao longo de todas as assustadoras experiências de iniciação” (CAMPBELL, 2007, p. 128).

Na narrativa em análise, Teodoro não carrega nenhum problema com o pai. Pelo contrário, sempre lembra de seu pai com compaixão e saudade. Mesmo ainda criança quando os outros agregados da fazenda falavam mal de seu pai, questionava sua força e até mesmo quando o via definhando em angústia e desistir da vida enquanto ainda respirava, sempre o defendeu. Quando presenciou o pai sendo humilhado pelo coronel Damasceno e não reagir, se submeter a toda vergonha e maus tratos, ainda assim, o garoto tinha o pai como um homem digno.

Sua jornada de herói também é fomentada pelo desejo de fazer diferente, de ter um fim diferente do pai. Pois espera alcançar a liberdade que Damião, seu pai, sempre sonhou desde que chegou à Areia Branca e morreu sem conquistar.

3.8 A apoteose

Essa fase marca o desafio mais importante, aquele que é o mais significativo, em que o herói irá enfrentar o seu pior inimigo. Ele passará por situações em que colocará sua vida em risco para que possa morrer simbolicamente e renascer. O estágio de apoteose eleva o herói ao estatuto de divindade, por causa dos seus feitos excepcionais. “Tal como o próprio Buda, esse

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 151 – 166, agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

ser divino é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância” (CAMPBELL, 2007, p. 145).

Sobre esse momento de apoteose, Vogler (2006, p. 174) comenta:

Os gregos chamam esse momento de *apoteose* — um degrau acima do entusiasmo, quando meramente se tem o deus dentro de si. No estado de apoteose, *somos* o deus. Ter experimentado o gosto da morte permite que nos sentemos na cadeira de Deus por algum tempo. O herói que enfrenta a Provação mudou-se do ego para o *self*, mudou-se para sua parte mais semelhante ao deus. Pode haver também um deslocamento do *self* para o grupo, na medida em que o herói aceitar maior responsabilidade, em vez de ficar apenas cuidando de si. Um herói arrisca sua vida individual por amor à vida coletiva maior e conquista o direito de ser chamado Herói.

O herói alcança a jornada, provando que está preparado para atravessar todas as provações que surgirem. Essa transformação também o torna mais sábio, pois enfrentou o desafio final e adquiriu muitas lições, tudo em sua jornada o conduziu para este momento.

O momento apoteótico de Teodoro acontece quando ele, juntamente com o doutor bacharel em direito, Abedias, que também foi seu amigo na infância, empreende a fundação de um sindicato visando lograrem melhorias para a classe dos vareiros e estivadores do rio Parnaíba. O sindicato foi reconhecido pela sociedade como uma ameaça e logo as autoridades uniram forças para sua dissolução. Consolidou-se então, um embate entre o operariado e a estrutura dominante.

Nem todos os que faziam parte do sindicato estavam de fato engajado numa luta pacífica. Boca de Sovaco estava instigando o descontentamento de uma parte do grupo. A sociedade parnaibana temia sofrer massacre dos vareiros que, de acordo com as histórias que corriam pela cidade, poderiam a qualquer momento tomar o poder de forma violenta. As famílias do centro estavam tomadas de pânico, tinha medo de que eles saqueassem a cidade.

Nesse ínterim, Teodoro estava numa viagem a trabalho, mal sabia que a repressão já batia às portas de Parnaíba. Na volta para a cidade, para proteger a barca de um barranco, sua vara partiu-se e “ele caíra sobre a ponta que se enterrara no leito do rio, dilacerando o peito” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 131).

Em seguida, mesmo machucado, Teodoro foi levado da Santa Casa pela polícia. Ele, Abedias, Zé Peinha e outros foram aprisionados, espancados e maltrados pela forças de repressão.

3.9 A benção última

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

Depois do confronto final, o herói recebe a benção última, que são comuns em histórias pela busca da imortalidade e poderes eternos. Essas benções são dadas, geralmente, por deuses, após a ultrapassagem das limitações físicas, elas marcam o crescimento espiritual do herói.

A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento. Enquanto ele cruza limiar após limiar, e conquista dragão após dragão, aumenta a estatura da divindade que ele convoca, em seu desejo mais exaltado, até subsumir todo o cosmo (CAMPBELL, 2007, p. 178).

A jornada culminou na purificação e transformação do herói, a sua alma não foi afligida pelos ferimentos do corpo, e a última benção vem como um elixir da vida, que indica a indestrutibilidade do herói.

Em Teodoro Bicanca, essa etapa acontece quando ele está preso sem perspectiva de liberdade, e Abedias depõe que é o único responsável pelo movimento do sindicato dos vareiros e estivadores. Dias depois, Teodoro foi posto em liberdade. Mas essa liberdade não era a que ele almejava quando começou sua jornada.

3.10 O retorno

A terceira e última fase do monomito descrito por Campbell (2007) denomina-se “o retorno”. Nessa fase, há o desfrute das conquistas do herói, todos podem comemorar a sua sobrevivência a apoteose, da “liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo casual e vice-versa” (CAMPBELL, 2007, p. 225).

Essa fase é marcada pelas lições que serão levadas após a etapa da ressurreição. Os personagens devem demonstrar que foram transformados pela jornada, combinando a continuação de velhos hábitos com a incorporação das lições aprendidas no decorrer da aventura do herói. Segundo James Hollins (1997, p. 60):

[...] O retorno implica em refazer o círculo novamente, mas em nível superior. Nesse sentido, a imagem informativa do motivo da busca não é um movimento linear de avanço perene, só para a frente, mas sim um movimento evolucionário em espiral. Essa viagem diferencia necessariamente uma pessoa, desenvolve um novo ser que pode não ser mais reconhecido pela antiga tribo ou pelos velhos valores.

Nesse momento, o herói vive uma espécie de purificação, na qual nenhuma das adversidades que experienciou irá carregar consigo. Ele inclui algumas mudanças na sua vida e utiliza as lições adquiridas na jornada para curar as próprias feridas que também foram causadas

pela aventura. Ele muda a direção. Vale lembrar que, o retorno requer mais uma travessia de limiar. O herói começa uma nova vida, levando consigo todo o aprendizado conquistado ao longo do caminho.

Acerca do retorno, Vogler (2006, p. 187) afirma que:

Após celebrar e assimilar as lições e recompensas da grande Provação, os heróis enfrentam uma escolha: ficar no Mundo Especial ou iniciar a volta para casa, numa jornada ao Mundo Comum. Muito embora o Mundo Especial possa ter seus encantos, poucos heróis decidem ficar. A maioria toma o Caminho de Volta, regressando ao ponto de partida ou continuando a jornada para um local totalmente diverso ou uma destinação final.

Teodoro Bicanca alcançou a liberdade da prisão, mas não a liberdade que aspirava no dia que saiu fugido de Areia Branca. Agora, voltava para onde um dia desejou ardentemente voltar, mas em outras circunstâncias. Planejava ter sucesso em sua jornada e voltar para buscar Siá Ana e Piedade.

Naquela noite, numa estrada deserta e areenta saía de Parnaíba um homem trôpego e maltrapilho: era Teodoro Bicanca. Caminhava morosamente, em demanda do sul, pelo mesmo caminho que percorrera um dia, montado no seu jumento, que lhe dera Siá Ana. O peito doía-lhe terrivelmente. Com os espancamentos na polícia, abriram-se, novamente, as feridas que lhe causara a vara, na “Caramuru”. Naquele lugar da estrada, lembrava-se ele, havia se encontrado com Pé de Puba (CASTELO BRANCO, 2016, p. 137).

O herói que sobreviveu a seca nordestina e a sociedade hierarquizada urbana de Parnaíba, voltava para “Siá Ana, que haveria de curar seu corpo; para Piedade, que haveria de curar sua alma, com seus olhos grandes de guajeru...” (CASTELO BRANCO, 2016, p. 138).

Considerações finais

Ao analisar *Teodoro Bicanca*, percebe-se que, a partir das intersecções entre os estudos mitológicos e o texto literário a análise da narrativa é ampliada. Dado que, enriquece a análise e lança luz sobre a narrativa em estudo, sem provocar o apagamento das nuances e representações do texto literário. Este que por sua vez, insurge para abarcar a perplexidade humana, por meio da ficção, da representação e do mito para lidar com o real.

A jornada traçada pela personagem Teodoro Bicanca foi analisada a partir das etapas descritas por Joseph Campbell, a jornada do herói, observando que essa narrativa se encaixa dentro desse modelo mítico do herói.

O MITO DO HERÓI: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM TEODORO BICANCA, DE RENATO CASTELO BRANCO

Partindo dos estudos sobre o mito do herói, apresentado no início do artigo, foi analisada a narrativa da personagem, investigando seus ritos de passagem e sua aventura. Desse modo, é possível afirmar que Teodoro Bicanca cumpre a sua jornada como herói.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASTELO BRANCO, Renato. **Teodoro Bicanca e A civilização do couro**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

CIARLINI, D. C. B. Teodoro Bicanca: representações do regionalismo no norte piauiense. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 423-438.

HOLLIS, James. **Rastreando os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVEIRA, Nise da. **Jung - vida e obra**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WHITMONT, Edward. C. **Retorno da deusa**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1991.